

Entrevista

Rosa Maria Dias é doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora adjunta de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É autora de "Nietzsche educador" (2003), "Nietzsche e a música" (2005), "Amizade estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche" (2009) e "Nietzsche, vida como obra de arte" (2011). Sobre este último, o professor Evando Nascimento diz que "a força deste trabalho de Rosa Dias, autora de inúmeros e amplamente reconhecidos trabalhos sobre o pensador do Eterno retorno, consiste em ser dotado da capacidade inventiva dos textos a que se refere. Cada categoria é recriada no sentido de percorrer com um novo olhar o jogo das avaliações nietzschianas. Desse modo, abre-se o pensamento para o porvir como transmutação deste nosso tempo de agora, com auxílio da arte. Haveria tarefa mais ambiciosa para qualquer intérprete e pesquisador(a)?"

Ensaíos Filosóficos: Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer-lhe por esta conversa. É um enorme prazer poder divulgar aos nossos leitores a experiência que tivemos ao longo dos últimos anos estudando ao seu lado. Sua relação com a filosofia parece ser indissociável daquela que a senhora tem com a arte, com o cinema (cabe lembrar aqui o *Dias de Nietzsche em Turim* (2001), filme roteirizado pela senhora, premiado no Brasil e na Europa). Como a senhora chegou à filosofia e o que a fez manter-se nela? Em muitos momentos, sua trajetória indica uma ultrapassagem dos limites entre filosofia e arte, expressa uma tentativa de abordar a filosofia como arte, a vida como arte. Poderia nos falar um pouco sobre isso?

Rosa Dias: Eu também quero agradecer pela conversa. Gostei das questões que me foram colocadas e das palavras sempre carinhosas com as quais vocês se dirigiram a mim.

Eu cheguei à filosofia pelas mãos da Marilena Chaui. Ela foi minha professora no Clássico do Colégio Alberto Levy, em São Paulo. Fiz dois anos de filosofia na USP. Nessa Universidade continuei a seguir os seus cursos. Em setembro de 1969, fui para

Londres por motivos pessoais e políticos e ali meu interesse pela filosofia ganhou força. As conversas com os amigos na casa de Dedé e Caetano, Gil e Sandra com Jorge Mautner e Péricles Cavalcanti duravam às vezes dias inteiros. Foram fundamentais para mim. Foi através dessas conversas que comecei a estudar Nietzsche. Dioniso era sempre evocado. Da Tropicália passei para o cinema. Passar para o cinema não foi difícil, sempre me interessei por cinema, creio mesmo que a máquina desejante que me fez aproximar e me faz viver até hoje com o Julio Bressane é, de certa maneira, o cinema. Sobretudo o cinema experimental que sempre me cativou. Com Julio aprendi e aprendo boa parte do que sei sobre arte e filosofia da imagem.

Voltei para o Brasil no final de 1973 e três anos depois em 1976, voltei para a Universidade. Fiz graduação na PUC-RJ e terminei meu curso de mestrado e doutorado no IFCS.

Todos esses envolvimento afetivos me ajudaram a relacionar sempre filosofia/ arte e vida. Hoje me interesso, sobretudo, pela vida como obra de arte. Essa ideia que trabalhei no meu livro *Nietzsche, vida como obra de arte* me encanta mais do que do que a arte propriamente dita. Mas isso não quer dizer que eu tenha perdido o interesse pela arte. Muito cedo, desde a década de 70, nas minhas primeiras leituras da filosofia de Nietzsche, percebi que ele nos convidava a trabalhar a vida como uma obra de arte. Um ensinamento brota de seus livros: é preciso observar que a ignorância e a negligência nas coisas mais corriqueiras, mais cotidianas foram sempre as causas das “imperfeições terrestres”.

EF: Nos tempos atuais, pensar *Nietzsche como educador*, que é o título do seu livro, pode talvez parecer uma saída. Porém, estaríamos preparados para o pensamento nietzschiano? É possível estar preparado, visto que esse pensamento leva ao extremo a ideia de que devemos exaltar a vida?

Rosa Dias: Essa pergunta eu acho que respondi de certo modo na anterior. Nietzsche como educador. Nietzsche é um educador não só para a cultura, mas também para a vida. As exigências que Nietzsche faz para educação, para o ensino da arte e da

Filosofia na Universidade é ainda hoje muito atual. É preciso ler as *Extemporâneas* de Nietzsche. São 4 (quatro) livros magníficos.

EF: Quem faz seus cursos de estética na UERJ não pode deixar de perceber que a senhora sempre menciona, e traz para as discussões em sala, questões éticas e políticas. Não ficando, portanto, somente na discussão estética. É possível recordar das discussões sobre o ensino de filosofia, em que sua postura era de total apoio à inclusão da filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio. Quem faz seu curso atualmente não deixa de ser tocado pelas suas palavras, quando a senhora traz para discussão a atitude do governo estadual em querer demolir um prédio histórico e colocar na rua dezenas de indígenas que vivem no local e, assim, acabar com a conhecida aldeia Maracanã. Como a senhora percebe a conjuntura política atual e a sua relação com a filosofia? A impressão que se tem é a de que o filósofo está muito distante dessas questões. Como a senhora percebe isso?

Rosa Dias: Hoje a filosofia ganhou um aspecto de solenidade acadêmica, mas ela me parece estar inteiramente afastada da exterioridade. A filosofia cada vez mais está voltada para si mesma, para os textos, os arquivos, os papéis produzidos pelos filósofos. Fazer filosofia hoje é analisar textos. Não se ensina mais a pensar. Nós podemos ver os antropólogos, historiadores, cientistas sociais, psicólogos, pedagogos, voltados para as questões da política e da cultura brasileira e das artes brasileiras, mas os filósofos não. Questões da atualidade estão traçadas nas letras maiúsculas ou minúsculas dos textos dos filósofos. O que está acontecendo agora e que ainda não recebeu o selo das palavras não interessa à filosofia.

Quanto à aldeia Maracanã temos de defender a não derrubada do prédio de 1865 e assegurar esse espaço para os índios. Sobretudo reservar o espaço para os índios e suas culturas.

EF: Em seu belíssimo livro *Amizade Estelar*, a senhora apresenta a relação entre Nietzsche, Wagner e Schopenhauer. Ali é evocado um dos mais belos aforismos de

Nietzsche e, quem sabe, o mais honesto olhar já feito por um filósofo acerca da amizade, o aforismo 275 da *Gaia Ciência*. Como a senhora compreende esse aforismo, à luz das novas formas de relações vistas nas sociedades contemporâneas, em que o individualismo, as relações virtuais e certo tipo de distanciamento entre os indivíduos parecem só aumentar?

Rosa Dias: Obrigada pelas palavras carinhosas sobre o meu livro. Essa distância cada vez maior entre os indivíduos, penso que seja irreversível. Infelizmente hoje não dá mais para planejar nada em grupo. Cada um, em primeiro lugar, realizando seus próprios interesses. É a banda do só um, sem ser único, sem mostrar-se original em cada movimento. Indulgentes consigo mesmos, estão todos voltados, não para a criação de si mesmos, mas preocupados em serem intérpretes das opiniões alheias.

EF: Nos últimos anos, a senhora voltou seus estudos para o pensamento de Henri Bergson. Gostaríamos de saber como foi esse *encontro* e, também, que falasse mais sobre a diferença proposta pelo autor entre o homem comum e o artista. Que articulações podem ser feitas entre os pensamentos de Bergson e Nietzsche?

Rosa Dias: Podemos fazer muitas articulações entre Nietzsche e Bergson. Embora Bergson não seja um filósofo trágico, ele é um filósofo da plenitude de vida. Isso o aproxima bastante de Nietzsche. Essas palavras não são minhas, mas de um grande estudioso de Bergson, o filósofo francês Jankélévitch.

Tenho estudado o livro *O riso* e a partir desse livro tenho pensado a comicidade no cinema e na literatura. Isso me faz pensar o cinema e a literatura e ainda a relação da filosofia, não só com a filosofia da arte, mas também com as artes. Acho que consigo traçar assim um caminho para a exterioridade. Um caminho que a filosofia abre para a arte.